

A REPRESENTAÇÃO DA HOSTILIDADE: UM ESTUDO DOS DISCURSOS SOBRE A VIOLÊNCIA NA CIDADE PRESIDENTE BERNARDES. Eden Correia Carli, Eda Maria Góes. – Geografia - Departamento de Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus de Presidente Prudente.

Nas últimas décadas, tiros, agressões e mortes têm merecido espaço crescente na mídia, adquirindo uma visibilidade antes inusitada. Nesse noticiário, tornam-se cada vez mais freqüentes as referências a motins, mortes, tentativas de fuga, superlotação, em cadeias públicas e instituições penitenciárias que, além de agravar a sensação de insegurança reinante, acabam por desnudar o fracasso dessas instituições na reabilitação de delinquentes.

Ao contrário do que o senso comum costuma sugerir, a questão carcerária não interessa apenas aos presos e seus familiares. Basta atentarmos para o fato de que depois do cumprimento das penas que podem variar de uns poucos a muitos anos de detenção, os presos abandonam essa condição e voltam ao convívio social. Se evidencia assim a relevância desse tema, em geral relegado ao interior dos altos muros das instituições penitenciárias, à atuação de algumas autoridades responsáveis e aos trabalhos de raros pesquisadores.

Nessa etapa da pesquisa sobre as representações sociais dos presídios no Oeste Paulista, nos baseamos no estudo do caso de Presidente Bernardes, cidade que se tornou conhecida nacionalmente por abrigar o primeiro presídio com modelo disciplinar diferenciado do país, o Centro de Reabilitação Penitenciária. Desde então, Presidente Bernardes convive com uma especial atenção dedicada pela mídia ao presídio, principalmente a partir da transferência de presos de notoriedade nacional, como “Fernandinho Beira-Mar”, “Marcola” e “Andinho”.

Essa política penitenciária que assumiu proporções nunca vistas no Estado de São Paulo, inicia-se em 1998, durante o Governo Mario Covas (1992 - 2001), tendo continuidade no Governo Geraldo Alckmin (2002 - 2006). A construção simultânea de vinte e um novos presídios vem acrescida de uma maior concentração destes na região Oeste do Estado, que já possuía sete presídios. Os seguintes números são reveladores do impacto causado nas cidades da região: Presidente Bernardes abriga 1005 presos, 446 pessoas entre funcionários e agentes penitenciários e 14.662 habitantes; Pracinha abriga 835 presos, 244 pessoas entre funcionários e agentes da penitenciária e uma população de 1.431 habitantes.

O principal objetivo desta etapa da pesquisa foi problematizar a tese amplamente defendida pelos jornais regionais sobre o aumento da violência supostamente devido à instalação de novas penitenciárias. Os principais argumentos para a sustentação dessa tese eram as tentativas de resgate, rebeliões, fugas dos presídios e o suposto estímulo à criminalidade promovido pelas famílias e visitas de presos, conforme pudemos constatar e etapa anterior da pesquisa voltada à análise dos discursos dos jornais Oeste Notícias e O Imparcial, produzidos no ano de 2.002 e 2.003.

Com esse objetivo foram realizados os seguintes procedimentos: levantamento de dados junto ao *site* da Secretaria de Segurança Pública e na Delegacia de Polícia local, realização de entrevistas com representantes da sociedade civil organizada e outros moradores da cidade, observação do cotidiano da cidade.

A partir dos dados colhidos na única delegacia de polícia da cidade, a naturalidade dos indiciados criminalmente foi um dos dados que mereceram maior atenção (ver tabela 1), sendo a maioria dos indiciados natural de Presidente Bernardes e Região de Presidente Prudente, o que fornece cada vez mais subsídios para a derrubada da tese amplamente divulgada pela imprensa da região acerca do aumento da criminalidade após a construção dos presídios. Em Presidente Bernardes, a alegação de que muitos dos crimes praticados nas cidades da região foram praticados pela rede de relacionamentos extramuros (ligados aos presos) não foi comprovada.

Tabela 1: Crimes ocorridos na cidade, relatados no livro de Inquérito 04/18 (último caso relatado 13/12/04)						
Crimes	Indiciado Natural de Presidente Bernardes	Indiciado Natural da Região de Presidente Prudente	Indiciado Natural de Outras Localidades	Não Consta Naturalidade do Indiciado	Não Consta Indiciado	Total
Furtos e Roubos	5	6	5	1	14	31
Cultivo de Entorpecente	1	0	0	0	0	0
Tráfico	2	0	0	1	1	4
Crimes Sexuais	1	0	0	2	1	4
Lesão Corporal Dolosa	6	0	0	1	0	7
Lesão Corporal Criminosa	0	0	0	1	0	1
Tentativa de Homicídio	0	0	0	0	1	1
Posse de Entorpecentes	1	0	0	0	0	1
Suicídio	0	0	0	0	0	0
Total	16	6	5	6	17	49

Esse foi o fator que ganhou maior relevância na análise que realizamos até aqui. Constatamos, através dos dados disponíveis na delegacia de polícia local, que não se confirmam às suspeitas de uma criminalidade promovida pelos parentes e visitas de presos em Presidente Bernardes, a despeito da intensa promoção de discursos que buscam construir uma representação depreciativa desses familiares, entre os moradores e na imprensa.

Buscando compreender tais estratégias discursivas que têm como objetivo principal à manutenção de um status social, percebemos que descrevem um fenômeno já analisado em outros trabalhos de pesquisa sobre a questão da violência: as estratégias de poder e hierarquização social que elegem grupos sociais com menos poder como anômicos. (Elias, 2000; Caldeira, 2000, Imbert, 1998). As construções de representações de insegurança e medo são fórmulas já discutidas na concepção de diversos autores (Imbert, 1998; Arendt, 1994; Foucault, 1984; 1993; Elias, 1993, 2000; Caldeira, 2000) e interpretadas como a mediação de coações e mudanças de costumes que reescrevem novos sentidos de vigilância e disciplinamento.

O agrupamento de todos estes autores não significa que neguemos a riqueza de natureza conceitual e metodológica que cada um deles produziu e que geram diferentes pontos de vista, inclusive sobre as concepções de violência. Inclusive, cabe ressaltar que estes autores têm se constituídos como verdadeiras armas em nossa batalha interpretativa sobre a temática, conforme pretendemos demonstrar.

Num sentido mais amplo, as relações que vão sendo estabelecidas a partir da chegada desses visitantes supostamente hostis denotam os sentidos depreciativos gerados pelos discursos coletados que nos levaram a concluir que para estes moradores da cidade não pertencer a um grupo anômico, estranho ou de fora, implica também fortalecer formas discursivas arcaicas e apreciadas na sociedade brasileira.

A conclusão preliminar a que podemos chegar é que o fenômeno representacional toma corpo sobre a própria construção de uma ordem social por parte dos moradores de Presidente Bernardes. A identificação representacional - família de presos igual a criminosos - pertence à mesma rede de conexões que associa a criminalidade à pobreza e a famílias desajustadas.

Estas dimensões do universo representacional da esfera pública consolidam também uma representação sobre segurança e ética e sintetizam a retomada de discursos de ordem, do retorno à ética, mas da ética como uma moral, uma ideologia, segundo Marilena Chauí, “que toma o presente como fatalidade e anula a marca essencial do sujeito ético e da ação ética, isto é, a liberdade” (1998, p. 35). As descrições dessas famílias, de suas casas, dos seus hábitos e costumes reforçam e sustentam a representação de grupos desajustados, ao mesmo tempo, esses discursos não deixam de remeter a uma comparação presente, mas ausente na fala, de um modelo de conduta e ordem social da família.

Identificamos em muitas dessas representações certa tradição regional, não relacionada à economia, mas a imagem da pequena cidade do interior, distante dos problemas das grandes cidades,

que sugere a existência de um círculo vicioso e contraditório, cujos opostos se situam entre o caos das grandes cidades e a calma e tranqüilidade das pequenas cidades do interior.

As representações depreciativas sobre os familiares e visitantes de presos são difundidas e compõem redes difusas na elaboração da realidade criminal de Presidente Bernardes. Assim percebemos em conversas informais a necessidade de muitos moradores buscarem elementos que favoreçam sua compreensão de uma realidade fortemente influenciada pelos veículos midiáticos.

Concluimos, retomando nossa proposta inicial de entendermos a violência não apenas em suas formas consolidadas, mas como fenômeno político, relacionado a formas de poder e a subjetividade da vida moderna, evitando as discussões simplistas que costumam predominar no tratamento desse tema.

4. Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**; tradução Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: EDUSP: Ed. 34, 2000.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. v.2

_____. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1984

_____. **Sujeito e Poder**. In: DREYFUS, H & RABINOW, P. **Michel Foucault uma trajetória Filosófica**. Para Além do estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249

IMBERT, Gerard. **Los Escenarios de la violencia**: Conductas anómicas y ordem social en la Españã. Barcelona: Icaria, 1998

Bolsa: CNPq/PIBIC